

ARTE E SOCIEDADE: CONTESTAÇÃO NAS FRONTEIRAS

Nesta edição, duas seções se complementam. A primeira delas reúne reflexões sobre o combate ao racismo, com escritos que tratam da ascendência africana e seus reflexos na cena e no pensamento artístico brasileiro. A seguir, na seção *Diálogos e Fronteiras*, as contribuições abordam assuntos diferenciados em que se destacam reflexões sobre arte e fé, literatura erótica e cena, além de manifestações e práticas levadas a efeito num período específico no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

A seção intitulada *Perspectivas Antirracistas nas Artes da Cena*¹ foi organizada por Victor Hugo Neves de Oliveira (UFPB), o qual contribui com os dados deste editorial e para quem é possível notar o fortalecimento da resistência às discriminações raciais através de trabalhos efetivamente comprometidos. No primeiro artigo, o pesquisador Gabriel dos Santos Rocha (USP) traça a trajetória do Teatro Experimental do Negro (TEN), percebendo ali a produção cênica visando o combate a estereótipos e uso de estratégias para legitimação de caráter artístico, intelectual e político. Em seguida, Emerson de Paula (Universidade Federal do Amapá – UNIFAP) trata da epistemologia de ascendência africana e menciona vivências pessoais para que se alcance o entendimento da presença do negro e do seu contato com as chamadas poéticas pretas no âmbito universitário.

Com base na presença de artistas de ascendência negra nas Artes Cênicas brasileiras, o estudioso Jonas Sales (Universidade de Brasília - UnB) propõe reflexões visando possíveis trajetos que contribuam para o antirracismo no ensino dessas artes na contemporaneidade. Como que complementando tal escrita, Liana da Silva Cunha (Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC) se vale de um neologismo poético para indicar práticas e

¹ O trabalho contou com apoio financeiro da Chamada nº 03/2020 Produtividade em Pesquisa PROPEAQ/PRPG/UFPB. Código do projeto de pesquisa no SIGAA: PVJ13529-2020.

procedimentos que podem estimular criações artísticas de caráter político e poético na resistência ao racismo.

Jarbas Siqueira Ramos e Talita de Barros Lima Siqueira, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), abordam a implementação de conteúdos relativos à educação étnico-racial nos currículos e nas práticas educacionais brasileiras. A partir do ensino das artes, apontam caminhos visando uma educação antirracista e decolonial. E é justamente a teoria da decolonialidade que se mostra como uma das perspectivas do artigo seguinte, com autoria de Thaís Lopes Santos de Azevedo, da Universidade de Aveiro (Portugal) e Éden Peretta, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), com base no trabalho de uma dançarina africana. Políticas públicas e micropolíticas de caráter estético são os temas que habitam subsequentemente tais textos.

A ancestralidade africana rege a narrativa de Renato Mendonça Barreto da Silva e Mayara Souza de Assis, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que tem a umbigada como veículo para uma travessia em tempo-espaço. A partir da gestualidade presente num referencial das danças negras que se dá no Brasil, os autores trazem a perspectiva de pertencimento. E concluindo a seção, corpo e ancestralidade também são temas da contribuição de Inaicyrá Falcão dos Santos e Kleber Damaso Bueno (UNICAMP). O campo expandido das artes que alcança os saberes da tradição é o que nos parece uma bela conclusão para um conjunto de textos que abre a expectativa de novos tempos numa era tão imprevisível como esta em que vivemos.

Os escritos que compõem a seção *Diálogos e Fronteiras* versam sobre assuntos polêmicos e/ou conflituosos, mas também um registro histórico do percurso trilhado pelas artes cênicas no Brasil durante o regime militar. Os dois primeiros artigos tratam da relação entre sociedade e religião, sendo que a primeira reflexão é de autoria múltipla reunindo quatro pesquisadores(as) advindos(as) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Os autores detectam na arte um instrumento de combate à intolerância religiosa no Brasil e, uma vez mais, o Teatro Experimental do Negro surge como referência. Consequentemente, o escrito

dá a ver um conjunto de práticas teatrais como estratégia visando promover a convivência entre membros de diferentes religiões. No artigo seguinte, Jean Carlos Gonçalves e Cláudio Eduardo Andrade (Universidade Federal do Paraná – UFPR) têm como objeto de estudo a relação entre fé e liberdade artística a partir da análise do discurso de estudantes evangélicos a respeito de práticas teatrais no ensino superior. Um necessário reconhecimento tanto da identidade quanto da alteridade, além do equilíbrio entre possibilidades e limites são temas que permeiam a análise.

A contribuição de Isa Etel Kopelman e Diego Batista Leal, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) versam sobre o uso de poesia obscena e versos licenciosos na composição cênica. Sem dúvida, um tema que se contrapõe ou pelo menos desvia-se das discussões trazidas pelos textos anteriores. Em se referindo a questões estéticas e sensitivas de uma prática que incide num âmbito bastante íntimo, o artigo trata de um exercício levado a efeito e estudado pelos pesquisadores com o uso de referências literárias elucidativas, dentre obras e autores.

Finalizando esta edição, Lídia Kosovski, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e Jussilene Santana (Instituto Martim Gonçalves) traçam um olhar sobre o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro num período em que aquele lugar mostrou-se como terreno germinante para o que viria a se reconhecer como vanguarda teatral no Brasil. Mais do que uma homenagem aos artistas e ativistas da época (1964-1970), trata-se de um registro histórico de um período de restrições, fazendo ver e reconhecer a importância do MAM Rio na sequência e na evolução da prática teatral no país.

O Editor